

## **SOBRE A NOÇÃO DE “VALOR” EM ASSIM FALOU ZARATUSTRAS E O CONTEXTO DA AFIRMAÇÃO “O HOMEM É UM ANIMAL QUE AVALIA”**

*Bárbara Smolniakof<sup>1</sup>*

[orcid.org/0000-0002-4998-144X](https://orcid.org/0000-0002-4998-144X)

**RESUMO:** Este trabalho analisa as ocorrências da noção de valor no texto *Assim Falou Zaratustra* e se detém de modo preciso ao contexto da frase em que Nietzsche aponta o homem como “aquele que avalia”. Tal processo tem a intenção de demonstrar a importância desse texto na trajetória de Nietzsche a respeito do pensamento sobre o valor, na medida em que é nele que o filósofo sugere a avaliação como atividade característica do ser humano que cria algo novo a partir de suas condições internas e externas.

**PALAVRAS-CHAVE:** Valor. Criação. Zaratustra. Nietzsche.

## **ON THE NOTION OF “VALUE” IN *THUS SPOKE ZARATHUSTRA* AND THE CONTEXT OF THE PROPOSITION “THE MAN IS THE ANIMAL THAT EVALUATES”**

**ABSTRACT:** This work analyzes the occurrences of the notion of value in the text *Thus Spoke Zarathustra* and focuses precisely on the context of the sentence in which Nietzsche points the man as “the one who evaluates”. This process is intended to demonstrate the importance of this text in Nietzsche's trajectory regarding thinking about value, insofar as it is in it that the philosopher suggests evaluation as a characteristic activity of human beings that creates something new from their internal and external conditions.

**KEYWORDS:** Value. Creation. Zarathustra. Nietzsche.

## **INTRODUÇÃO**

Este texto aborda a noção de valor a partir do pensamento nietzschiano, tal como ele aparece em *Assim Falou Zaratustra*. Contudo, é parte de uma dissertação de mestrado que problematiza a possibilidade de valorar segundo a perspectiva nietzschiana. Por isso, a proposta

---

<sup>1</sup> Graduação em Filosofia pela UNICENTRO e Mestrado Acadêmico em Filosofia pela UFSC. Professora de Filosofia no Ensino Básico pela Secretaria de Educação do Estado de Santa Catarina. E-mail: [barbarasmolniakof@gmail.com](mailto:barbarasmolniakof@gmail.com)

SMOLNIAKOF, B.

deste artigo, em consonância com o intuito da dissertação, é delimitar os usos do termo “valor” especificamente no texto supramencionado. Este procedimento serve para esclarecer a evolução da noção nietzschiana de valor durante sua filosofia como um todo e consideramos o *Zaratustra* um texto fundamental deste processo na medida em que é nele que aparece o valor como criação humana que dá sentido ao mundo e determina o homem como “aquele que avalia”. Na medida em que a intenção é expor do modo mais explícito possível as ocorrências de “valor” no texto nietzschiano usando da ferramenta da análise, deter-nos-emos aqui mais ao texto do filósofo do que a comentadores que apresentem certas interpretações a respeito do tema. No entanto, vez ou outra recorreremos a comentadores específicos quando necessário, para não correremos o risco de deixar alguma parte importante mal explicitada. A ideia geral, nesse sentido, é apontar os momentos do livro em que o valor é mencionado a partir de seu contexto literário e significado filosófico, seguindo a ordem das sessões nas quais o livro está organizado.

## **PARTE I: CRIAÇÃO DE VALORES**

Na parte I do livro, Zaratustra apresenta três transformações pelas quais o homem passa: da condição de camelo para leão, depois de leão para criança. A expressão ‘transvaloração de todos os valores’ aparece pela primeira vez na obra *Além do Bem e do Mal* (1886). Contudo, dadas as características de cada uma das etapas que descrevem as três metamorfoses, é possível pensar este trecho de Zaratustra como um modo de expor o movimento da transvaloração que Nietzsche propõe.<sup>2</sup> Isso se pensarmos tal transformação do homem a partir de sua relação com os valores e dentro do processo do niilismo.

A primeira etapa é representada pela figura do camelo, também chamado de “espírito de suportação”, pois é aquele que se dispõe a suportar todo o peso em suas costas. E “todo peso” remete à história, costumes e valores que a tradição deixou para ele carregar e transmitir. O

---

<sup>2</sup> Em tese de 2011, Barros já defende uma presença na noção de transvaloração dos valores em *Assim Falou Zaratustra*. Contudo, ele analisa tanto os discursos como um todo quanto o próprio estilo e a trajetória de Zaratustra na obra, o que indica uma maior amplitude da interpretação. Aqui, defendemos que a seção específica *das três transformações* pode indicar uma transvaloração em relação ao próprio espírito que passa pelas três transformações. Trata-se, portanto, de uma interpretação mais específica na medida em que se detém a uma única seção. Porém, parece conveniente citar a tese de Mota na medida em que ele também usa da transvaloração como chave interpretativa do Zaratustra. Cf. BARROS, Tiago Mota da Silva. *A transvaloração dos valores em Assim Falou Zaratustra de Nietzsche*. 2011. 166 f. Tese (Doutorado em Filosofia Moderna e Contemporânea) – Universidade do Estado do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2011.

SMOLNIAKOF, B.

camelo carrega tudo sem reclamar e questionar o que está carregando. Zaratustra não se detém muito a essa etapa, pois ela aparece mais como uma condição ordinária do ser humano e que expressa a atitude de viver de acordo com critérios e regras de comportamento dados a ele por uma tradição.

A segunda etapa é quando o camelo se transforma em leão, e é aí que se abre a possibilidade de lermos esta seção como uma descrição da transvaloração dos valores. A transvaloração se constitui a partir de dois movimentos complementares: primeiro, uma crítica radical aos valores tradicionais que permeiam a metafísica, a moral e a religião e, a partir dela, uma criação de novos valores que têm um ponto de partida completamente novo. Nesse sentido, a transvaloração é mais do que uma inversão dos valores já vigentes, pois quando falamos em crítica radical indicamos a problematização e consequente destruição da *raiz* dos valores tradicionais, que é seguida da criação de novos valores a partir de um novo critério (ARALDI, 2004). E é a partir, primeiro da crítica, segundo da criação de novos valores, que a transmutação do espírito pode ser pensada também como a transvaloração realizada ao atingir o estágio do niilismo completo do tipo ativo.

Aqui não será aprofundado o tema do niilismo, mas ele precisa ser mencionado para falar a respeito da transvaloração e elucidar a aproximação que fizemos com o trecho de *Zaratustra*.<sup>3</sup> Em um fragmento póstumo, Nietzsche apresenta dois tipos de niilismo: o perfeito (ou completo), que se subdivide em ativo e passivo, e o incompleto. O niilismo incompleto se caracteriza pela ausência de valor dos valores, pelo reconhecimento de que eles nada valem seguida da tentativa de substituí-los por outros valores de mesma base, ou seja, sem uma transvaloração (NIETZSCHE, FP 10 [43] outono de 1887; HEIDEGGER, 2003, p. 487). Por sua vez, o niilismo completo é a tentativa de criação de novos valores a partir de um novo critério; é quando ocorre a transvaloração dos valores (NIETZSCHE, FP 9 [35] outono de 1887):

Niilismo. Ele é ambíguo.

- A. Niilismo como sinal de *poder incrementado do espírito*: como niilismo *ativo*.
- B. Niilismo como *decadência e recuo do poder do espírito*: o niilismo *passivo*.

---

<sup>3</sup> Sobre análise mais específica da noção de niilismo, inclusive dentro do contexto do *Zaratustra*, cf. SMOLNIAKOF, B. Niilismo: conceito e ocorrência em *Assim Falou Zaratustra*. *OCCURSUS*, Fortaleza, v. 5, n. 2, 2020, p. 39-59.

SMOLNIAKOF, B.

O niilismo completo passivo é a falta de força para fazer algo a respeito do fato de os valores nada valerem, ou seja, trata-se do enfraquecimento do organismo frente a isso. O que nos interessa aqui é o tipo ativo do niilismo completo, pois ele é a força que, frente ao vazio de sentido, leva o organismo a criar novos valores, e é ele que leva à transvaloração. Relativo à seção *das três transformações*, o niilismo completo ativo se encontra na figura do leão, pois este é a personificação da força de destruição – é o leão que nega os valores que reconhece como vazios de sentido.

A etapa do leão representa a etapa da crítica e destruição dos valores tradicionais, valores que o camelo carregava nas costas e que são representados por uma figura chamada por Zaratustra de “grande dragão”: “valores milenários resplendem nessas escamas; e assim fala o mais poderoso de todos os dragões: ‘Todo o valor das coisas resplende em mim. Todo o valor já foi criado e todo o valor criado sou eu’” (NIETZSCHE ZA I *Das três metamorfoses*). O grande dragão é a figura que representa toda a tradição, que coloca seus valores e regras morais sobre as costas dos homens; e é esse grande dragão, ou seja, a tradição, que confere legitimidade ao valor daquilo que o homem carrega sem muito questionar. O leão tem a função de dizer “não” àquilo que o camelo suporta, o “não” que nega os valores e assim conquista uma liberdade que o camelo não tem, justamente porque este ainda está preso à tradição.

No entanto, “criar novos valores – isso também o leão ainda não pode fazer; mas criar para si a liberdade de novas criações – isso a pujança do leão pode fazer” (NIETZSCHE ZA I *Das três metamorfoses*). Apesar de o leão negar os valores tradicionais, ele não tem a força necessária para criar novos valores, uma vez que sua atitude é negadora e sua figura ainda não é aquela que afirma a nova criação. Ele apenas reivindica a liberdade para tal, é esta sua função. “Conseguir essa liberdade e opor um sagrado ‘não’ também ao dever: para isso, meus irmãos, precisa-se do leão” (NIETZSCHE ZA I *Das três metamorfoses*).

Por fim, a criança é a última etapa a que chega o homem na condição daquele que realiza a transvaloração. O primeiro movimento, negativo, foi realizado pelo leão; com sua crítica e negação dos valores tradicionais que o camelo apenas carregava sem saber a razão, o leão abriu espaço para novos valores, mas sem conseguir criá-los ainda, justamente porque ele é a figura que representa o niilismo ativo. Cabe então à criança, com toda sua inocência, criar novos valores. Ela é capaz de realizar a transvaloração dos valores, possibilitada primeiramente pelo movimento negativo do leão. E por que é a criança a figura responsável por essa criação?

SMOLNIAKOF, B.

Lembramos que o segundo movimento da transvaloração, de criação de novos valores, é feito a partir do zero, pois os valores tradicionais são completamente destruídos pelo movimento negativo de crítica radical feito pelo leão. “Inocência, é a criança, e esquecimento; um novo começo, um jogo [...] um movimento inicial, um sagrado dizer ‘sim’” (NIETZSCHE ZA I *Das três metamorfoses*). A figura da criança é associada à criação de valores novos porque ela tem o que é necessário para tal: inocência, no sentido de não se sentir culpada ou incapaz de criar a partir do zero, e esquecimento, uma vez que não tem compromisso com os valores tradicionais justamente porque o leão os destruiu e ela representa um recomeço. Nesse sentido, a figura da criança é a responsável pela criação de novos valores. Além disso, a infância, enquanto primeira fase da vida, representa o novo início que se dará a partir da criação de novos valores.

Ainda em outra seção da primeira parte deste texto, Zaratustra volta a insistir na criação como o que confere legitimidade ao valor das coisas, e a criação é feita pelos chamados “grandes homens”: “nenhum valor têm as coisas, no mundo, sem que, antes, alguém as apresente e represente; grandes homens chama o povo a esses apresentadores. Pouco o povo compreende da grandeza, isto é, da força criadora” (NIETZSCHE ZA I *Das moscas da feira*). O valor das coisas é novamente apresentado como aquilo que alguém primeiro apresenta ou representa, ou seja, o valor das coisas no mundo depende de alguém que o reconheça. Este reconhecimento do valor no mundo é feito por aquele que é chamado de grande homem. A grandeza deste “grande homem” é caracterizada como sua força criadora. Nesse sentido, são eles, os grandes homens, que criam o valor e o dão ou o apresentam ao mundo. Além de enfatizar o valor como algo criado e apresentado ao mundo, esta seção também apresenta uma distinção, tal como aquela sugerida em *A Gaia Ciência* –, de que nem todos os homens são capazes de criar esses valores. Como a grandeza é caracterizada como uma força criadora, parece ser apenas os grandes homens que têm esta grandeza, os responsáveis pela criação de valores.

Apesar de haver estas alusões ao valor como algo criado em outros momentos da obra, é a seção *De mil e um fitos* a mais importante da obra quando pensamos a respeito deste tema em *Assim Falou Zaratustra*. Nela, o valor como criação é derivado da própria definição de homem.

SMOLNIAKOF, B.

Ela começa dizendo que Zaratustra já conheceu muitos povos, portanto, muitos “bem” e “mal”. A ênfase, portanto, é dada à pluralidade dos valores de um povo para outro e, também, à incompatibilidade entre eles, uma vez que a seguir ele diz que “muitas coisas que um povo considerava boas, considerava-as, outro, como escárnio e opróbrio: foi o que achei. Muitas coisas achei, aqui, chamadas mal e, acolá, ornadas de purpúreas honrarias” (NIETZSCHE ZA I *De mil e um fitos*). Uma vez que as culturas são diferentes entre si e que todas criam seus próprios valores, conseqüentemente, estes valores são diferentes e o modo como cada cultura avalia as coisas a partir destes valores é também diferente: a mesma ação ou um objeto do mundo pode ser bom para alguém que possui certos valores e ruim para outro que possui outros valores. Mas porque os valores são diferentes?

“Nenhum povo poderia viver, se antes não avaliasse o que é bom e o que é mau; mas, se quer conservar-se, não deve fazê-lo da mesma maneira que o seu vizinho” (NIETZSCHE ZA I *De mil e um fitos*). Pelo que podemos ler aqui, a atividade de avaliar, ou seja, dizer o que é importante, mesmo em termos de “bom” e “ruim”, é uma condição indispensável para a própria vida, tanto do homem quanto da cultura à qual ele pertence. Mas a avaliação não pode ser feita de qualquer maneira e, por isso, Zaratustra apresenta uma objeção nesse trecho: de fato, nenhum povo poderia viver sem valores, ou seja, estes são necessários à vida, mas, se os homens deste povo querem conservar-se, não devem avaliar do mesmo modo, isto é, seguindo como modelo outro povo, pois existem diferenças entre eles, seja, por exemplo, em rituais ou no modo de se alimentar. Como os homens de povos distintos são diferentes entre eles, seus valores devem refletir também essa diferença e, portanto, ser diferentes dos valores de outros povos.

Talvez um exemplo simples possa ser ilustrado aqui comparando dois grupos indígenas: os *inuit*, que vivem em regiões extremamente frias como o norte do Alasca, Canadá e a Groelândia; e os Yawalapiti, que vivem no Parque Indígena do Xingu na região do Mato Grosso, de clima mais quente e úmido. Obviamente, apenas entre os *inuit* já existem diferenças, dado que são grupos espalhados em várias regiões polares. O mesmo acontece com os povos que compõem o Xingu. Mas, para extrapolarmos as diferenças entre as tribos, façamos a comparação entre estes dois povos de regiões completamente distintas. Os *inuit* são de uma região fria, onde neva e, portanto, eles precisam se aquecer com mais roupas, como as *parkas* feitas com a pele de animais, e se adaptar com uma alimentação propícia e disponível no tipo de clima e solo que enfrentam. Sua alimentação é a base principalmente da carne e da gordura

SMOLNIAKOF, B.

dos animais que caçam, como baleia, foca e urso. Dada a temperatura extremamente fria, para eles é mais fácil comer a carne crua ou defumada, uma vez que o cozimento demanda muito tempo e energia. Geralmente vivem em casas de madeira, mas em algumas ocasiões, como para a caça, vivem em *iglus*, casas construídas a partir de blocos de gelo.

Já os Yawalapiti, como vivem em uma região mais quente, não precisam de tanta proteção contra o clima. Sua alimentação é a base de aves da região como o jacu, o macuco e o mutum, e da agricultura, pois o solo permite que eles plantem milho, mandioca, banana, feijão e o pequi que lhes é muito valioso (SZMRECSÁNYI, 2007). A própria história, divisão de tarefas e ritos de cada um destes povos também são diferentes. Cada um cria seus valores, ou seja, considera aquilo que é importante a partir das condições em que vivem, e seus valores refletem estas condições na medida em que precisam determinar o que lhes é importante, do contrário eles não conseguem viver. Um *inuit*, por exemplo, não poderia avaliar como bom *para ele* uma alimentação a base de grãos, frutas e vegetais, visto que não lhe é acessível pelas condições de solo e clima de seu ambiente. Da mesma forma não poderia sobreviver nas regiões polares onde vive sem vestimentas mais quentes.

Este exemplo tenta refletir um pouco o que Zaratustra diz a respeito do valor: ele é criado pelos homens e dado às coisas de maneira peculiar por cada povo levando em conta suas características peculiares. E não pode ser de outro modo se a intenção deste povo é a sua conservação – ele não pode se guiar pelo “bem” e “mal” de outro povo, uma vez que este “bem” e “mal” refletem condições alheias. Como Nietzsche diz em *O Anticristo*, o bem e o mau são reflexos respectivamente do aumento e diminuição do grau de poder (NIETZSCHE AC §2), e o grau de poder é determinado pela superação das condições da vida de um organismo.

Além de ser uma criação, o valor é o reflexo das superações do povo que o criou: “uma tábua de tudo o que é bom está suspensa por cima de cada povo. Vede, é a tábua do que ele superou, é a voz da sua vontade de poder” (NIETZSCHE, ZA I *De mil e um fitos*). É neste momento do texto que aparece pela primeira vez na obra publicada de Nietzsche o conceito de vontade de poder. Contudo, aqui ele apenas o menciona, será na parte II na seção *Do superar a si mesmo* que Nietzsche definirá a vontade de poder como vida que se exerce mediante uma relação de comando e obediência e criação de valores.

As superações dizem respeito às condições de um povo e a partir das quais eles precisam achar um modo propício para viver. É a partir dessas condições adversas, que se apresentam

SMOLNIAKOF, B.

como resistências e são superadas por um povo, que seus valores são criados (BURHAM, 2015, p. 247). Zaratustra dá exemplos de condições a serem superadas: “[...] se conhecesse a miséria de um povo, e terra e céu e vizinho, não terás dificuldade, depois, em adivinhar a lei de suas superações e o porquê de subir ele, por essa escada, à sua esperança” (NIETZSCHE ZA I *De mil e um fitos*).

Como no exemplo das tribos, são as condições de sobrevivência aquelas que devem ser superadas: o solo infértil, o clima, as comunidades vizinhas como possíveis ameaças, a fome, etc. E é através da superação dessas condições, tentando buscar alimento, vestindo-se para se proteger do frio, desenvolvendo armas ou estratégias para proteger-se de outros povos, por exemplo, que os homens criam os seus valores. Nesse sentido, o critério que determina os valores que guiam o povo, isto é, o que determina o que é importante, é a necessidade de sobrevivência, a resistência que impõe contra aquilo que deve ser superado: importa aquilo que o leva à superação. Conforme Nietzsche (ZA I *De mil e um fitos*):

Valores às coisas conferiu o homem, primeiro, para conservar-se – criou, primeiro, o sentido das coisas, um sentido humano! Por isso ele se chama “homem” [*Mensch*], isto é: aquele que avalia [*Schätzende*].

Avaliar é criar: escutai-o, ó criadores! O próprio avaliar constitui o grande valor e a preciosidade das coisas avaliadas. Somente há valor graças à avaliação: e, sem a avaliação, seria vazia a noz da existência. Escutai-o ó criadores.

Mudança dos valores – é mudança dos criadores. Sempre destrói, aquele que deverá ser um criador.

Este é o trecho mais significativo desta seção, e arrisco dizer também de todo este livro, pois é nele que Zaratustra reforça dois elementos: (i) a razão pela qual os homens criam valores e (ii) o fato de o homem criar valores derivar da própria definição de “homem”. Na segunda e terceira linhas ele diz: “Por isso ele se chama ‘homem’”. O uso de aspas indica que ele está falando da palavra “homem” como um conceito que tem por significado *aquele que avalia*. Além disso, o uso do indicador de conclusão “por isso” indica que ele está atribuindo a causa do homem ser chamado “homem” à atividade de criar valores. Antes, vem a razão: por que o homem cria valores? Primeiro para conservar-se, como já mencionado com o auxílio dos exemplos. E à conservação está aliado o sentido das coisas. Dado que os valores são uma criação humana, eles dão às coisas um sentido humano. As coisas às quais o homem dá valor ganham com ele um sentido, o sentido que leva, ou pelo menos auxilia de algum modo, à conservação.

SMOLNIAKOF, B.

Este elo entre sentido e valor aparece novamente no discurso *De velhas e novas tábuas*, já na terceira parte de *Zaratustra*, e nela o significado do valor é atribuído somente àquele que o cria. Pois o homem cria o valor por uma razão e é apenas ele que sabe qual razão é essa. Logo, o valor tem um sentido específico para ele. “Mas é [um criador do bem e do mal] tal quem cria um fito para o homem e dá à terra o sentido e o seu futuro: somente ele *faz com que algo* seja bem e mal” (NIETZSCHE ZA III *De velhas e novas tábuas*). Ao criar um valor e lhe dar um sentido, o homem está também criando um sentido para o mundo como um todo e uma finalidade ou meta para o homem, que ele alcança através da realização do valor.

Pensamos “sentido” aqui como direção: pois o homem, ao dar um valor para alguma coisa no mundo, estabelece também uma direção ou um caminho possível para se relacionar com o que é valioso de modo tal que ele se conserve (pois essa é a razão pela qual ele avalia). Assim, o valor é uma meta que é alcançada pelo homem através do sentido, isto é, o meio ou direção pela qual o homem vive ou procura realizar este valor que cria. Pensar o valor como meta inclusive justifica o título desta seção “De mil e um fitos”, pois os mil e um objetivos (metas) de povos diversos são estabelecidos a partir da criação de mil e um valores.

Em seguida ele caracteriza mais uma vez a avaliação como uma criação, isto é, um ato ou processo contínuo de criar valores. Em outras seções desse mesmo texto, é enfatizado o valor, primeiro, como criação, segundo, como criação responsável pelo sentido: “e que todos os valores das coisas sejam, em novo, estabelecidos por vós! [...] Para isso deveis ser criadores” (ZA I *Da virtude dadivosa*); “[...] o que é bem e o que é mau, isso ninguém ainda o sabe – a não ser o criador! Mas é tal quem cria um fito para o homem e dá à terra o seu sentido e o seu futuro: somente ele faz com que algo seja bem e mal”, (ZA III *De velhas e novas tábuas*).

E é a própria atividade de avaliar que confere o valor das coisas avaliadas, ou seja, o valor que o homem dá às coisas é importante ou legítimo para ele na medida em que ele realiza este processo de criação. Cabe notar sua ênfase no processo quando Nietzsche diz (ZA I *De mil e um fitos*) que “*somente* há valor graças à avaliação”: ao que tudo indica, não é possível haver valor se este não for resultado ou conteúdo da avaliação enquanto processo. Além de legitimar o valor, a avaliação, enquanto processo de criação, é o que preenche de algum modo a existência, porque é ela a responsável pelo seu conteúdo: o valor e o meio para realizá-lo.

Além disso, no trecho ainda é enfatizada a necessária relação de dependência da mudança de valores com a mudança de criadores. Por que no decorrer da história de um povo

SMOLNIAKOF, B.

ou uma cultura, por exemplo, houve mudança de valores? Porque os criadores dos valores mudaram. Dado que a criação de valores é uma atividade do homem enquanto criador (NIETZSCHE ZA I *De mil e um fitos*), se o criador muda, os valores, necessariamente, mudam também; e mudança aqui tem a ver com destruição. Ao criar um novo valor, o criador precisa destruir os valores anteriores, no sentido de reconhecer que eles não têm mais legitimidade ou não valem mais para o povo ao qual pertencem. Nesse sentido, todo criador, até mesmo para poder criar, precisa ser também um destruidor.

O que parece ser bastante enfatizado nesta seção com a proposta do valor como fruto da atividade humana é a negação da noção de que os valores são eternos, imutáveis e dados ao homem por algo ou alguém alheio e exterior a ele, como uma divindade por exemplo. Tanto é que em certo momento Zaratustra faz uma alusão negativa aos dez mandamentos como uma transcrição da voz divina (NIETZSCHE ZA I *De mil e um fitos*): “foram os homens a dar a si mesmos o seu bem e o seu mal. Em verdade, não o tomaram, não o acharam, não lhes caiu do céu em forma de voz”.

## **PARTE II: VIDA, VONTADE DE PODER E SUPERAÇÃO E SUA RELAÇÃO COM O VALOR**

Já na segunda parte do livro, o valor é elencado como expressão da vida, mas, agora, através da caracterização desta como superação: “bom e mau e rico e pobre e grande e pequeno e todos os nomes dos valores: armas, deverão ser, e retininte sinal de que a vida terá sempre de superar a si mesma” (NIETZSCHE ZA II *Das tarântulas*). A noção de superação nos direciona para outra seção do *Zaratustra*, *Do superar a si mesmo*. Nela Nietzsche se detém mais ao conceito de vontade de poder, identificando-o à vida que é caracterizada como algo que deve sempre se superar: “e este segredo a própria vida me confiou: ‘Vê’, disse, ‘eu sou aquilo *que deve sempre superar a si mesmo*’” (NIETZSCHE ZA II *Do superar a si mesmo*, ênfase do autor).

A discussão sobre o que Nietzsche entende por vida é apresentada como condição para entender o que ele escreve sobre os valores. E sua posição sobre os valores é trazida nesta seção a partir do que ele chama de vontade de verdade. Este termo designa um impulso característico principalmente dos filósofos, aqueles que Zaratustra chama de “mais sábios dentre os sábios”, a quem ele se dirige em toda esta seção.

SMOLNIAKOF, B.

A vontade de verdade é o que está por detrás do fato dos sábios sempre quererem pensar todas as coisas, mesmo elas não sendo passíveis de serem pensadas (NIETZSCHE ZA II *Do superar a si mesmo*); é também ela o que os leva a criar valores. Um pouco à frente ele designa esta vontade de conhecer a verdade como uma parcela da sua vontade de poder: “e tu também, que buscas uma senda, és apenas uma senda e uma pegada da minha vontade; em verdade, a minha vontade de poder caminha com os pés da tua vontade de conhecer a verdade!” (NIETZSCHE ZA II *Do superar a si mesmo*). Como nos indica este trecho, Zaratustra está estabelecendo uma hierarquia entre o impulso para o conhecimento e o pensamento de todas as coisas que caracteriza os sábios e a vontade de poder que caracteriza ele mesmo. Embora a vontade de verdade seja aquilo que move os sábios a criar seus valores e pensar o mundo, ela é apenas uma parcela, como ele diz, uma pegada, um rastro, da vontade de poder; ou seja, esta é algo muito maior, justamente porque se refere à vida como fenômeno mais amplo que o conhecimento.

O personagem elabora uma metáfora que descreve a relação entre a vontade de verdade dos sábios, os valores que ela institui e o povo que adota estes valores. “Os ignorantes, sem dúvida, o povo – são como um rio onde um barco continua boiando; e no barco estão sentadas, solenes e mascaradas, as apreciações de valor” (NIETZSCHE ZA II *Do superar a si mesmo*). Zaratustra diz que o povo é como um rio porque ele parece seguir um curso natural que simplesmente carrega um barco adiante. Talvez este barco possa ser pensado como a história ou a cultura que o povo carrega. Neste barco estão “sentados” os valores, ou seja, o povo carrega uma cultura e com ela sustenta valores no decorrer do curso de sua história.

Já a vontade de verdade, ou vontade de poder dos sábios, é quem colocou estes valores no barco guiado pelo povo. O interessante aqui é o modo como Zaratustra entende que estes sábios fizeram isso: eles disfarçaram e enfeitaram alguns termos, que talvez fossem até de uso comum, e os elevaram a outro patamar, de modo tal que parecesse outra coisa para o povo: “fostes vós, ó os mais sábios dentre os sábios, que mandastes tais convidados sentarem-se no barco, dando-lhes nomes pomposos e altaneiros; vós e a vossa vontade dominadora” (NIETZSCHE ZA II *Do superar a si mesmo*).

Zaratustra ainda diz que independentemente das circunstâncias, mesmo que as ondas do rio quebrem o barco e tentem derrubar os valores, o povo *deve* levá-lo. Em outras palavras, como o rio representa o povo, as ondas que poderiam tentar se opor ao barco podem ser

SMOLNIAKOF, B.

entendidas como algumas pessoas que resistem à tarefa de carregar estes valores. Contudo, apesar de haver resistência, continua sendo tarefa do povo carregar estes valores adiante.

Em seguida, Zaratustra diz que o perigo aos próprios sábios e o fim de seus valores não é o rio, ou seja, o povo, mas a própria vontade de poder que gera vida e valores. Pois o povo é quem carrega os valores, por isso não são o perigo, mas a ferramenta por meio da qual os valores se realizam ou são mantidos no decorrer da cultura. Nem mesmo as pessoas representadas pelas ondas que podem quebrar o barco são o perigo, porque elas são apenas uma parcela e o povo como um todo que insiste em sustentar os valores é muito maior. Antes, o perigo aos valores e aos sábios é a própria vontade de poder, dado seu caráter ambíguo de criadora e destruidora (ZA II *Do superar a si mesmo*). E é aí que entra a posição de Zaratustra sobre a vida, onde ele diz que para entender essa relação entre vontade de poder, valores e povo, é preciso falar sobre o que ele entende por vida e a propriedade em comum que ele encontrou em todo modo de vida.

“Todo o vivente é um obediente” (NIETZSCHE ZA II *Do superar a si mesmo*): uma característica presente em tudo que tem vida é a obediência, seja a obediência a si mesmo seja a obediência a outro. Ora, se a obediência envolve outrem a quem se obedece, trata-se então de uma relação entre mandar e obedecer. E esta é mais uma propriedade encontrada na vida em geral: o comando, exercido por meio da relação de obediência. Além de identificar comando e obediência como o que caracteriza tudo o que vive, Zaratustra ainda estabelece uma hierarquia entre estas duas atividades: ele diz que mandar é mais difícil que obedecer, uma vez que no comando está o peso de todos os que obedecem.

E Zaratustra se pergunta: o que faz com que aquele que vive mande ou obedeça e na medida em que obedece a si mesmo esteja ao mesmo tempo mandando em si mesmo? A sua resposta a esta pergunta descreve o que ele entende por vida como vontade de poder, pois é esta que leva tudo o que vive a obedecer e comandar (NIETZSCHE ZA II *Do superar a si mesmo*): “onde encontrei vida, encontrei vontade de poder; e ainda na vontade do servo encontrei vontade de ser senhor. Que o mais fraco sirva o mais forte, a isto o induz a sua vontade, que quer dominar outros mais fracos”.

A vontade de poder quer a si mesma, pois o termo ‘vontade’ da expressão “vontade de poder” não parece designar vontade de algo que ainda não se possui, mas é vontade de ter mais daquilo que já possui, e o que a vontade possui é poder. “Poder”, aqui, não é pensado enquanto capacidade de fazer algo, mas o próprio conteúdo da vontade (HEIDEGGER, 2003, pp. 493-

SMOLNIAKOF, B.

496). E a vontade de poder quer e consegue alcançar a si mesma na medida em que exerce o domínio, o que é alcançado justamente através da relação de obediência que caracteriza a vida. Este conceito aqui está restrito ao âmbito orgânico; nesse sentido, podemos dizer que vontade de poder é igual a vida. Estes termos são sinônimos e designam uma dinâmica natural de superação que acontece mediante a relação de obediência e a criação de valores.

Por vezes, a noção de vontade de poder evolui e se estende ao âmbito inorgânico e ao mundo todo sem restrição. Isso é notável em alguns fragmentos póstumos como, por exemplo, em NIETZSCHE FP 38 [12] junho-julho de 1885: “este mundo é vontade de poder e nada além disso”. No entanto, é de comum acordo que a partir de *Assim Falou Zaratustra* a vontade de poder se refere exclusivamente ao âmbito orgânico,<sup>4</sup> por exemplo em *Além do Bem e do Mal* (NIETZSCHE BM §259; MARTON, 1990, p. 30) é mantida a equivalência entre vida e vontade de poder: “[...] e vida é precisamente vontade de poder”.

Por mais que o tipo de vida a que Zaratustra se refira seja de alguém que desempenha a função de obedecer, nele há também a vontade de ser senhor. Nesse sentido, o servo, na condição de servo, quer ser senhor, ou seja, quer ser mais do que ele já é. No entanto, não quer ser senhor de seu próprio senhor e sim de algo ou alguém que é mais fraco do que ele, ao mesmo tempo em que ele mesmo obedece algo ou alguém que é mais forte do que ele. Assim, é nesta hierarquia de comando e obediência que a vida se desenvolve. Tal hierarquia também descreve a própria natureza ou modo de ser de seus componentes, isto é, os seres vivos. Eles são elencados em fortes, que comandam, e fracos, que obedecem aos mais fortes, mas que também têm alguém mais fraco abaixo de si a quem comandam.

A superação, como característica principal da vida, é realizada através dessa relação de obediência que possibilita o domínio. Quando Zaratustra diz que a vida é algo que deve ser superado, ele dá a ela um caráter de movimento: para algo ou alguém ser vivo, fazer parte da categoria daquilo que vive, é necessário que ele supere sua condição anterior, seja por meio da obediência seja por meio do comando, e alcance uma condição que é mais do que sua condição anterior. O servo, por exemplo, é servo na medida em que obedece alguém mais forte que ele, contudo, na medida em que ele passa a comandar alguém mais fraco, passa a ser, além de servo, também senhor; mas não senhor de seu próprio senhor, mas senhor de alguém que é mais fraco. Assim, ele supera sua condição de ser apenas servo, porque passa a ser algo a mais. Isso

---

<sup>4</sup> Cf. PINA, 2020, p. 331-334; MÜLLER-LAUTER, 2009, p. 62; MÜLLER-LAUTER, 1997, p. 62-70.

SMOLNIAKOF, B.

considerando a necessidade de haver sempre uma hierarquia. Mas digamos que a relação se inverte e o servo deixe de sê-lo e passe a ser senhor, nesse cenário ele também supera sua condição anterior e atinge outra condição que é diferente.

Esta noção de que a vida é superação e luta por poder é um modo de Nietzsche se posicionar contra a perspectiva darwinista de que a vida se resume à sobrevivência (NIETZSCHE CI IX §14): “no que toca à célebre ‘luta pela vida’, até agora me parece apenas afirmada e não provada. Ela acontece, mas como exceção; o aspecto geral da vida não é a necessidade, a fome, mas antes a riqueza, a exuberância, até mesmo o absurdo esbanjamento – quando se luta, luta-se pelo poder...”. Para ele, há algo mais fundamental que simplesmente sobreviver, que é superar a condição na qual sobrevive e se tornar mais do que já é mediante o domínio de outros organismos.

Vida como superação e como vontade de poder também é uma postura alternativa àquelas que dizem ser a vida uma mera vontade de procriação ou um impulso a uma finalidade ou uma vontade de existência. A vida não poderia ser apenas uma vontade de existência ou de vida como diria Schopenhauer por exemplo (STAMBAUGH, 1972, pp. 14-16), porque aquilo que quer, que tem vontade, já existe. Segundo Nietzsche (*ZA II Do superar a si mesmo*):

Porque: o que não existe não pode querer; mas, o que é existente, como poderia ainda querer existência!

Onde há vida, há também vontade: mas não vontade de vida – é o que te ensino – vontade de poder!

Muitas coisas o ser vivo avalia mais alto do que a própria vida; mas através mesmo da avaliação, o que fala é – a vontade de poder!

A vontade de poder é identificada àquilo que vive porque o que não existe ou não vive não pode querer. Logo, o querer poder como característica da vontade precisa ser algo que também é vivo. Além disso, o que tem existência não precisa ainda querer existir. Por isso, além de ser algo que vive, esta vontade de poder é mais do que querer viver, antes é querer dominar por meio de relações hierárquicas de obediência e por meio do valor.

Cabe notar que em *Além do Bem e do Mal* permanece a aliança que Nietzsche faz entre vida e vontade de poder e lá ele também afirma que a vida é mais que sobrevivência ou conservação (BM I §13): “uma criatura viva quer antes dar vazão a sua força – a própria vida é vontade de poder –: a autoconservação [*sic*] é apenas uma das indiretas, mais frequente consequência disso”. No mesmo sentido, n’*A Gaia Ciência* Nietzsche insiste na preservação

SMOLNIAKOF, B.

como estado de decadência ou indigência do organismo que no fundo tende antes à expansão (NIETZSCHE GC §349).

É através da criação de valores que a vontade de poder se manifesta e exerce poder. E sendo o valor expressão da vontade de poder e o domínio o fim ao qual ela tende, o valor aparece como o meio pelo qual a vontade de poder consegue alcançar mais poder e, portanto, domínio. A vontade de poder é o porta voz do valor e este é expressão da vontade de poder. Até aqui, visualizamos duas características fundamentais do valor ao relacioná-lo à vida ou vontade de poder: valor como meta e, também, como meio para dominar ou alcançar mais poder. Em ensaio de 1943, Heidegger já enfatiza essas duas características do valor no pensamento nietzschiano (HEIDEGGER, 2003, p. 489).

Na medida em que o valor é um meio para a vontade de poder dominar, ele é o meio para ela se superar. E a própria noção de superação descreve a dinâmica dos valores, pois eles, sendo expressão da vontade de poder, são também e devem ser superados (GIACOIA, 2000, p. 34). E com isso, mais uma vez, Nietzsche insiste no caráter criado e passageiro do valor, como é possível notar na seguinte passagem: “um bem e um mal que fossem imperecíveis – isso não existe! Cumpre-lhes sempre superar a si mesmos” (NIETZSCHE ZA II *Do superar a si mesmo*).

A criação de valores enquanto exercício da vontade de poder exige a superação dos valores anteriores que já estavam estabelecidos: “e aquele que deva ser um criador no bem e no mal: em verdade, primeiro, deverá ser um destruidor e destroçar valores” (NIETZSCHE ZA II *Do superar a si mesmo*). Com base nessa passagem, é de se entender que a superação dos valores se dá por meio de sua destruição, movimento que é necessário para a possibilidade de uma nova criação de valores. E é com essa dinâmica de destruição dos valores antigos e criação de novos valores que a vida supera a si mesma.

### **À GUIA DE CONCLUSÃO: CONTRIBUIÇÕES DO ZARATUSTRA PARA PENSARMOS OS VALORES SOB A ÓTICA NIETZSCHIANA**

É notório que a partir do *Zaratustra* surge a importância da noção de que o valor é uma criação para Nietzsche. Ao que parece, ela contribui para entender a vida como superação na medida em que se exige superar valores antigos (e com isso a vontade de poder que os criou) para a criação de novos valores. Além disso, a ênfase no valor reconhecido como algo criado

SMOLNIAKOF, B.

pelo homem e não como algo em si tem forte relação com a noção de sentido. Pois a criação de valor abre a possibilidade de criação de sentido pelo homem através do valor.

É digno de nota que em *Assim Falou Zaratustra*, tal como n’A *Gaia Ciência*, aparece uma distinção de dois tipos de homens: os grandes e os pequenos; aos primeiros é atribuída a capacidade de criar valores por meio da atividade de avaliar. Além disso, o valor é designado como o *produto*, resultado de uma *atividade* contínua de criação, que é a avaliação. O homem é designado por definição como aquele que avalia sendo, portanto, o único ser capaz de criar valores e viver segundo valores. E a razão pela qual ele o faz é sua própria conservação: é através do valor que ele vive e expressa o que superou. Ademais, o valor é aliado à vontade de poder, noção nietzschiana que designa o que ele entende por vida como superação. Nesse sentido, além de conservação, o valor, enquanto expressão da vontade de poder, designa uma superação realizada por parte de quem o cria. Superar os valores exige um duplo movimento: destruí-los, na medida em que eles não aparentam ser mais eficazes para a vida, e criar novos valores, o que representa, por fim, a própria atividade da transvaloração.

## REFERÊNCIAS

ARALDI, L. C. *Nihilismo, criação, aniquilamento: Nietzsche e a filosofia dos extremos*. Rio Grande do Sul: Unijuí, 2004.

BARROS, T. M. S. *A transvaloração dos valores em Assim falou Zaratrusta de Nietzsche*. 2011. 166 f. Tese (Doutorado em Filosofia Moderna e Contemporânea) – Universidade do Estado do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2011.

GIACOIA JUNIOR, O. *Nietzsche*. São Paulo: PUBLIFOLHA, 2000.

HEIDEGGER, M. A sentença nietzscheana “Deus está morto”. Trad.: Antonio Casanova. In: *Natureza Humana*, 5(2), 2003, pp. 471-526.

MARTON, S. *Nietzsche*. São Paulo: Editora Brasiliense, 1990.

MARTON, S. Nietzsche: da genealogia à transvaloração dos valores. In: *AUFKLÄRUNG*, João Pessoa, v.7, n.esp, nov. 2020, pp. 97-108.

MÜLLER-LAUTER, W. *Nietzsche: sua filosofia dos antagonismos e os antagonismos de sua filosofia*. Trad.: Clademir Araldi. São Paulo: Ed. Unifesp, 2009.

SMOLNIAKOF, B.

NIETZSCHE, F. W. *A Gaia Ciência*. Trad.: Paulo César de Souza. São Paulo: Companhia das Letras, 2012.

NIETZSCHE, F. W. *Além do Bem e do Mal*. Trad.: Paulo César de Souza. São Paulo: Companhia das Letras, 2005.

NIETZSCHE, F. W. *Assim Falou Zaratustra. Um livro para todos e para ninguém*. Trad: Mário da Silva, 9ª ed. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 1998.

NIETZSCHE, F. W. *Crepúsculo dos Ídolos ou como se filosofa com o martelo*. Trad.: Paulo César de Souza. São Paulo: Companhia das Letras, 2006.

NIETZSCHE, F. W. *Fragmentos Póstumos. Volumen III (1882-1885)*. Edición española dirigida por Diego Sánchez Meca. Traducción, introducción y notas de Diego Sánchez Meca y Jesús Conill. Madrid: Editorial Tecnos, 2010.

NIETZSCHE, F. W. *Fragmentos Póstumos. Volumen IV (1885-1889)*. Edición española dirigida por Diego Sánchez Meca. Traducción, introducción y notas de Diego Sánchez Meca y Jesús Conill. 2ª edición. Madrid: Editorial Tecnos, 2008.

NIETZSCHE, F. W. *O Anticristo: maldição ao cristianismo: Ditirambos de Dionísio*. Trad.: Paulo César de Souza. São Paulo: Companhia de Bolso, 2016.

PINA, H. C. S. A Vontade de verdade como uma manifestação da Vontade de Poder. In: *OCCURSUS*, Fortaleza, v.5, n. 2, jul./dez. 2020.

STAMBAUGH, J. *The Problem of Time in Nietzsche*. Associated Univ Pr, 1972.

SZMRECSÁNYI, L (Coord.). *Alguns conhecimentos sobre alimentação*. Programa WAJÁPI (Parceria IEPÉ – Apina), 2007. Disponível em: <[https://institutoiepe.org.br/wp-content/uploads/2020/07/livro\\_conhecimentos\\_sobre\\_alimentacao-iepe-mda-2007.pdf](https://institutoiepe.org.br/wp-content/uploads/2020/07/livro_conhecimentos_sobre_alimentacao-iepe-mda-2007.pdf)>. Acesso em: 20/12/2022.

---

### **Informações complementares:**

*Recebido em:* 09 de março de 2023

*Aprovado em:* 19 de maio de 2023

*Publicado em:* 25 de junho de 2023